Luísa Dacosta, (s.d.)

10

" O TRÁGICO E O GROTESCO EM RAÚL BRANDÃO ", in

NOTAS DE CRÍTICA LITERÁRIA.
Livraria Divulgação: Porto.

NADA me parece servir melhor, como introdução ou chave, à obra de Raúl Brandão, do que a sua peça de teatro «O Doido e a Morte». Além disso a peça vale por si mesma.

São personagens: O Sr. Milhões , o Governador civil, D. Ana Baltazar Muscoso, Nunes — o polícia, polícias, enfermeiros, etc. E a situação dum doido se apresentar de «grandes suiças cuidadas»... lunetas de aro de oiro, e sobrecasaca, ainda por cima recomendado pelo próprio presidente do ministério, no gabinete do governador civil — é inverosimil. Mas esta inverosimilhança não invalida a peça, muito pelo contrário. O facto dessa situação não ser pelo ângulo da aparência um retrato fiel da realidade, não significa, que ela não acabe por reflectir uma outra, não menos legítima, realidade. De resto, aparte esta brecha de inverosimil, e tudo aí é normal e se desenrola normalmente. Normal é a reacção do governador civil que para poder à vontade, perfeitamente enfronhado numa inspiração solitária, escrever a cena V do III acto da sua obra teatral, tinha reco-

mendado ao Nunes que não receberia ninguém, que não estava «para ninguém», mas diante do Sr. Milhões e da carta do Ministério a recomendá-lo, se apressa a fazê-lo entrar, a dizer-lhe que tenha a bondade de se sentar, e que há muito tinha a «honra de o conhecer de vista e de nome». Normal é o seu medo preconceituoso da morte, porque afinal o Sr. Milhões (Doido) lhe anuncia que pretende pulverizar o globo, fazer desaparecer «a desgraça da face da terra... os crimes, as misérias e as paixões» — e ali, naquela estranha caixa que o acompanhava estava peróxido de azoto mais explosivo do que o dinamite e que a um simples toque — trrr — ia tudo pelos ares! Normalíssima a reacção do Nunes e dos outros polícias, que se pôem ao fresco» logo que sabem o perigo a que estão expostos. São polícias subalternos, mas não são menos homens que o governador civil, também têm medo da morte. E que outra podia ser a reacção da D. Ana Moscoso esposa do governador civil, quando ele a chama pelo telefone, para o salvar? Que podia a D. Ana, fraca mulher indefesa senão fugir, senão abandonar o marido à morte certa que o esperava? Normal é o fim da história que acaba em bem como deve terminar uma farsa. O Doido é agarrado por dois enfermeiros, no momento cruciante em que o peróxido (algodão em rama puro e inofensivo) ia actuar e o governador gritava «aqui d'el-rei! aqui d'el-rei! aqui d'el-rei!»

Este é em linhas gerais o grotesco. E o trágico é-nos revelado, à mistura, gradativamente, até atingir com a confissão do Doido, o climax e a intensidade máxima. É a tragédia de não podermos manter por mais tempo as ilusões que faziam deste mundo um lugar seguro e habitável. Ficamos a saber que a religião, que se pratica, não resulta duma funda convicção espiritual, usa-se apenas como recurso, para acalmar o nosso terror do desconhecido e serve num único momento da vida: a morte. Ficamos a saber que nem todos os homens têm as mesmas oportunidades. Até a ordem pública tem preferências, pelos bem instalados na vida que lhes não acarretam problemas de segurança. Pensando bem porque há-de um homem rico revoltar-se? Assim o entende uma autoridade constituída, no exercício das suas funções: o governador civil. É com esse argumento que ele tenta levar o Sr. Milhões a desistir da morte «...e o senhor lembre-se que tem mulher e filhos. É um homem da ordem, é um homem rico». Ficamos a saber que este mundo é uma triste aparência, onde até as palavras nos servem de máscara. Tal é a revelação da conduta de D. Ana Moscoso. A dita senhora tinha sempre afirmado ao marido, nos seus protestos de amor, que morreria com ele. Mas chegada a hora foge, sem um beijo, sem um adeus, atirando-lhe, como se fossem pàzadas de terra aquelas cruéis palavras de abandono: «Morre em paz! Descansa em paz! Jaz em paz!» O

próprio governador civil, vendo aproximar-se a sua última hora, se desmascara: «...menti sempre que pude. Toda a minha vida foi uma mentira pegada». E desesperado, receoso de que num outro mundo, desapossado da sua dignidade pública, lhe peçam contas pelos crimes, que aqui não tinham importância, mas *lá* talvez fossem imperdoáveis grita «Perdão! perdão! Padre nosso que estais nos céu!» De revelação em revelação chegamos a esta degradante cena, mas não é tudo — e a vida, o que é a vida? Um convencional e monótono xadrez, onde todos os dias (sem convicção, nem ideal) se repetem os mesmos gritos e as mesmas palavras. Eu, ou tu, nós ou eles qualquer podia fazer esta confissão que pertence ao Doido: «Vou suprimir a vida, porque a vida mete-me medo... Fui sempre ridículo, mas nem sempre me senti ridículo. A vida foi sempre atroz, mas nem sempre a senti atroz. Quando dei pelo que ela tem de reles e de grotesco, de trágico e de grotesco, veio-me um vómito de tristeza... Vi que a minha vida era grotesca, que os meus deveres eram grotescos, com os dividendos a receber, os coupons a cortar, um cofre do tamanho desta sala, e um guarda-portão eminente a distribuir seis vinténs à pobreza. Considerei-me abjecto. Abjectos e grotescos os laços de família, à espera do testamento e da cólica, e os mil e quinhentos que eu dava por mês à obra dos órfãos mutilados. Pior, pior... Olhei para mim, olhei pa-

ra dentro de mim mesmo e ao mesmo tempo encarei com a vida. Com esta coisa prodigiosa que é a Vida, feita para a desgraça, para a dor, para o sonho — e que dura um minuto, um só minuto — e encontrei-me sórdido com as minhas inscrições a receber e as minhas décimas a pagar... Vi então o infinito lá em cima e vi-me a mim cá em baixo... Estas duas coisas não podem mais coabitar — esta estupidez e este sonho, dorido e imenso, o grotesco de todos os dias, quando do outro lado galopa e passa uma coisa sôfrega e imensa... e ao mesmo tempo *existe* o céu estrelado». Qualquer pode estar preso nesta angústia. Qualquer pode sentir a crueldade de existirem estrelas e ao mesmo tempo existências mesquinhas por elas alumiadas. Qualquer pode sentir o ridículo de sermos capazes de sonhos desmedidos e ao mesmo tempo estarmos ligados a este corpo sórdido, cheio de necessidades insuportàvelmente ficiológicas. Qualquer pode doer-se da impotência dos homens e cheio duma insuportável lucidez desejar a morte como libertação. Mas há pior, muito pior — assim no-lo diz Raúl Brandão no final da sua peça. Pior é existirem os que não querem perder as ilusões, os medrosos da lucidez, que preferem falsas honrarias e uma estabilidade familiar de pantufas, ao tormento da inquietação. Aqueles que tendo possibilidade de ser astros depois de terem vivido como bichos o que desejam é um «enterro bonito» e uma sepultura de «aqui jaz»!

No «Doido e a Morte», Raúl Brandão revela-nos o trágico através do grotesco duma farsa, fazendo ressaltar pelo desmedido dos traços caricaturais a tragédia microscópica, que à força de nos rodear nos escapa. E tem interesse como introdução à obra deste escritor, porquanto aí estão condensadas muitas das características da obra de Raúl Brandão. E assim se nem sempre usa a farsa como processo não deixa apesar disso de nos revelar violentamente a tragédia da vida. É sempre violentemente trágico, como um romântico. Mas o seu romantismo é cheio dum conteúdo humano, que o faz solidário com os limites da miséria, da fome e da tortura de viver. É um romantismo filtrado através duma análise realista (que nada tem a ver com o realismo de ambiente social ou só de inquérito a determinadas classes) profundamente psicológico e confessional — nesta farsa exemplificada pela confissão do Doido.

Além disso, apesar da maior parte dos seus livros serem tecidos a partir da crueldade do banal, apesar de neles não haver sombra de comicidade, nunca o grotesco deixará de aí estar presente. Até na carne das suas personagens, gentes que a angústia apodreceu e minou, ele está presente. Eles são como o «Gebo» de «Os Pobres», destroços grotescos que a vida, como um mar, arrasta no seu bojo.

---

(1) Publicado na página literária do Comércio do Porto em 22/7/58.

Ac 1
5-0385